

A BUSCA POR TENSÕES NAS EXPERIÊNCIAS DE LAZER: UMA RELEITURA DE NORBERT ELIAS

Recebido em: 05/12/2016

Aceito em: 15/07/2017

Liana Abrao Romera

Mariana Z. Martins

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vitória – ES – Brasil

RESUMO: O texto aborda obra de Elias e Dunning objetivando discutir suas contribuições para os estudos do lazer, dando ênfase à problemática sobre tensões. A releitura da obra apresenta dois eixos: o lazer no processo civilizatório e o abandono de se compreender as tensões no lazer como unicamente negativas, conjugadas à falta de atenção aos modos de vivência do lazer. As considerações destacam: a recusa da dicotomia trabalho/lazer; o abandono das tensões entendidas unicamente como negativas, aliadas a necessidade de compreendê-las, considerando a expansão de investigações em lazer para além dos campos convencionais, focando formas de lazer consideradas desviantes.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Trabalho. Sociologia.

THE QUEST FOR EXCITEMENT ON LEISURE EXPERIENCES: REREADING THE WORK OF NORBERT ELIAS

ABSTRACT: This essay discusses the book of Elias and Dunning and aims to discuss some contributions to the leisure field of study, emphasizing the issues raised by the authors on the tensions. Our re-reading on their writings is divided into two aspects: leisure studies on civilization process and the abandonment of the mainstream to understand the tensions as uniquely negative, combined to the lack of attention to the diverse of leisure experience modes. The considerations we have come to feature are: the refusal of the dichotomy work/leisure; the abandonment of tensions understood solely as negative and considering the expansion of leisure investigations beyond their conventional fields, it is necessary also to focus on forms of leisure understood as deviant.

KEYWORDS: Leisure Activities. Work. Sociology.

Introdução

Entre as inúmeras contribuições advindas das ciências sociais para os estudos do lazer, recebem destaque estudos dos sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning, sobretudo a obra *A busca da excitação*, desenvolvida em constante diálogo com *a teoria do processo civilizador*, defendida por Norbert Elias. O legado dos autores permitiu romper com dicotomias sobre a questão do lazer/ trabalho, bem como pensar na complementaridade entre tal fenômeno e outros processos sociais, elementos estes já abordados em diversas pesquisas da área.

Com base em Norbert Elias e Eric Dunning, o objetivo deste ensaio é analisar algumas contribuições trazidas pela citada obra para o campo de investigação do lazer pouco exploradas, com ênfase na problemática levantada pelos autores sobre as tensões como elemento explicativo do lazer e sua importância para a compreensão de tal evento nas sociedades modernas.

Os autores compreendem o lazer como uma atividade escolhida livremente, com o intuito de ser algo agradável, não remunerado. Argumentam ainda que o tempo livre dos indivíduos não é utilizado apenas para a prática do lazer, mas também para a prática de outras diversas atividades que desempenham nesses momentos. Portanto o lazer seria apenas mais uma delas. Dessa maneira, abole-se a dicotomia trabalho e lazer como pares de oposição e como sendo as duas únicas atividades do homem (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 107).

Nessa negação dos argumentos da sociologia clássica quanto à dicotomização do tempo moderno entre lazer e trabalho localiza-se uma das principais observações apreendidas por Elias e Dunning, segundo a qual o esporte e o lazer são comumente tratados como temas desprezados para investigação sociológica. Para os autores, a

análise do lazer como complemento à dicotomia lazer/trabalho promove a desconsideração do primeiro como um campo de estudos relevante, uma vez que o trabalho, “de acordo com a tradição sociológica, classifica-se a um nível superior, como um dever moral e um fim em si mesmo; e o lazer classifica-se num nível inferior, como uma forma de preguiça ou indulgência” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 106). Tal observação é denunciada pelos autores ao mencionarem que os trabalhos defendidos no âmbito da sociologia do esporte, por exemplo, não conseguem ultrapassar os limites da educação física, e destacam: “[...] muito do que têm escrito nesse campo do conhecimento situa o fulcro de suas preocupações, em grande parte, nos problemas específicos da Educação Física, cultura física, desporto, falhando na apresentação das relações sociais mais alargadas” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 12).

Além da falta de preocupação da sociologia com o campo do lazer, os autores denunciam ainda a escassez de diálogo entre as diferentes subáreas estudadas por essa ciência, resultando em pesquisas e pesquisadores insulados e recolhidos à sua própria “torre de marfim”. Essa falta de diálogo promove o isolamento entre os estudos e, por consequência, inviabilizam a riqueza que permeia a comunicação e a troca de saberes, tão importante para o avanço das ciências e da sociedade. Tal fato se agrava na medida em que, para os autores, os problemas sociais não podem ser explorados nos limites fronteiriços de uma única especialidade acadêmica. Nesse sentido, asseveram que os estudos do lazer devem encontrar-se localizados em diversos ramos do conhecimento.

Para a revisita e releitura da obra de Elias, propusemos uma reflexão baseada em dois eixos: o lazer nos estudos do processo civilizatório e o campo de estudos do lazer, com abordagem partindo do gradativo distanciamento da tradicional dicotomia trabalho/lazer, e o abandono da dominante tendência de se compreender as tensões

como unicamente negativas, conjugadas à falta de atenção aos modos de vivência do lazer. No primeiro eixo, buscamos explicar os pressupostos teórico-metodológicos que sustentam a perspectiva elisiana acerca da compreensão do lazer nas sociedades modernas. Também exploramos aí a relação entre o desenvolvimento do processo civilizador e a necessidade do fenômeno do lazer, momento em que a questão tensão-excitação aparece como elemento explicativo. No segundo, exploramos as consequências dessa visão para o campo de estudos de lazer, dando ênfase a necessidade de um diálogo maior com estudos que considerem as mais amplas possibilidades de lazer, como é o caso do risco e do lazer desviante.

O Lazer como Parte do Processo Civilizatório

Defendem Elias e Dunning (1992) que, para se compreender o significado das modalidades de lazer, é necessário ter uma noção do modo como o processo civilizatório influenciou os hábitos da sociedade ao longo do tempo, pois as relações e situações vividas na contemporaneidade são frutos, muitas vezes não planejados, de ocorrências do passado que se foram configurando e perpetuando com o tempo, representando as consequências ou a continuidade reelaborada de circunstâncias não delineadas. Mudanças podem ser verificadas nos modos contemporâneos de socialização, comunicação e ocasiões de lazer dos indivíduos em contextos distintos.

As inúmeras transformações no uso do tempo, tanto no nível social quanto no nível físico do universo, representam um meio regulador da conduta humana. De acordo com Elias e Dunning (1992), antes do século XVIII a luta pelo poder, por exemplo, fora marcada primeiramente pela violência para, posteriormente, vir a ser equipada de vinganças e perseguições entre grupos rivais que se alternavam no poder.

Tal ocorrência é fruto do processo civilizatório pelo qual passaram os países ocidentais. O surgimento do lazer, bem como o da esportivização de passatempos, possui uma relação de complementariedade com o processo civilizador. Por isso, faz-se necessário descrever o que Elias e Dunning entendem por processo de civilização, como o lazer e o esporte se inserem nele, evidenciando essa relação de complementariedade.

Nos dois volumes que trazem o título da renomada obra *O processo civilizador*¹, Elias descreveu, valendo-se de estudo minucioso de fontes sobre comportamentos e normas sociais do século XII ao XIX, as mudanças no *habitus*² da sociedade, nas estruturas de personalidade e na formação do Estado moderno (ELIAS, 1993). Essa obra caracteriza-se por ser um estudo de longo prazo de comparações entre as fases de desenvolvimento das sociedades inglesa, francesa e alemã, em estrita conexão com as fases de alterações comportamentais e nas estruturas de personalidade. Tal processo se entende como de “centralização política do poder e padronização das normas sociais que obrigam o convívio sob égide de uma sociedade” (RIBEIRO, 2010, p. 8).

A partir de seus estudos, Elias alcança uma gama de evidências empíricas que atestam mudanças na sociedade, tais como o desenvolvimento de uma maior elaboração de refinamentos de padrões sociais; o surgimento e o aumento da pressão social para que as pessoas exercitem um autocontrole³ mais rigoroso, contínuo e equilibrado sobre seus sentimentos, comportamentos e funções corporais; nos níveis de personalidade e

¹ O processo civilizador é um processo cego e não planejado, que não possui uma direção específica. Isso significa que, na medida em que é resultado de transferências geracionais de experiências e saberes, ele também está sujeito a mudanças e a processos reversos, ou seja, de descivilização.

² Segundo Dunning (2005), por mais que esse termo tenha sido popularizado por Pierre Bourdieu, Elias já o utilizava nos seus volumes de *O processo civilizador*. *Habitus*, para Elias, é a segunda natureza, ou o saber social incorporado, uma espécie de mentalidade social adquirida a partir das experiências sociais de uma geração e transmitidas adiante (DUNNING; MENNELL, 1997, p. 9).

³ Autocontrole pode ser entendido como aumento da capacidade da consciência como reguladora do comportamento, agindo como controladora dos impulsos e pulsões dos seres humanos, em direção à adaptação aos padrões sociais de comportamento. O autocontrole é um demonstrativo central do desenvolvimento do processo civilizador, pois é também o que nos permite viver de forma cada vez mais interdependente (ELIAS, 1992).

habitus, a consciência ou superego torna-se mais importante como regulador do comportamento, fazendo com que padrões sociais passem a ser profundamente internalizados e operem não apenas conscientemente e com base na escolha, mas também abaixo dos níveis de racionalidade e do controle consciente; e, por fim, o alargamento de um domínio cada vez maior sobre a violência e as agressões no interior das sociedades, ocorrendo uma diminuição na capacidade de se sentir prazer em causar sofrimento a outros e testemunhar a violência – resultado também de uma identificação mútua cada vez maior relacionada à solidariedade e à compreensão recíproca –, além da redução nos níveis de personalidade e de *habitus* da capacidade de atacar ou fazer alguém sofrer (DUNNING, 2014).

Nesse sentido, no processo civilizatório, com a perda da desconfiança mútua, os grupos desistiram das violências como padrão para a resolução de conflitos e começaram a desenvolver novas competências, técnicas e estratégias exigidas para um confronto não violento. Técnicas militares dão lugar a enfrentamentos verbais, como retórica e persuasão, exigindo maior contenção geral. Esse fato marcou o início de um processo de mudança na civilização. Uma maior sensibilidade quanto ao uso da violência exigiu mudanças nos hábitos sociais dos indivíduos, compreendendo seus divertimentos, impactando também no universo desportivo, marcadamente vivenciado (praticado ou assistido) no lazer.

Essas mudanças atestam o sentido do processo civilizador, isto é, a diminuição da tolerância à violência, a centralização política e a pacificação sob o controle do Estado, a diferenciação social crescente e o aumento das cadeias de interdependência⁴ e,

⁴ “[...] refere-se aos laços que existem entre seres humanos unidos por meio de um sistema de diferenciação funcional. Tais laços podem existir quer entre sociedades quer dentro das sociedades. O conceito é semelhante aos conceitos mais vulgares de ‘divisão do trabalho’ e ‘diferenciação de papel’, mas faltam-lhes as conotações economicistas do primeiro e a ênfase formalista do último. Também é

por fim, a democratização funcional⁵. Processos que estão relacionados à sociogênese e à psicogênese do lazer e do esporte. O que os autores queriam responder era: “Como e por que os seres humanos têm a necessidade de atividades como o esporte?” (DUNNING, 2003).

Para Elias e Dunning (1992), nas sociedades que são marcadas pela necessidade de um autocontrole constante das pulsões, das emoções e da violência, em que este se torna parte da estrutura da personalidade dos seres humanos, “as atividades de lazer constituem um enclave para desencadear, aprovado no quadro social, do comportamento moderadamente excitado em público” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103-104). Segundo os autores, “a análise profunda do processo de civilização na longa duração indica que os desenvolvimentos sociais registrados nessa direção [do autocontrole] produzem movimentos opostos no sentido de um equilíbrio da libertação das restrições sociais e individuais” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 104-105). É nesse ponto que se encontram as atividades de lazer – entre elas o esporte – como promotoras de “tensões de um tipo particular, o desenvolvimento de uma agradável tensão-excitação, como a peça fundamental da satisfação” proporcionada nessas atividades (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 136). Nesse sentido, é em uma sociedade extremamente autorregulada que surgiu então a necessidade de uma atividade na qual se pudesse desenvolver algum tipo de descontrolo.

Portanto, a compreensão da importância do lazer nas sociedades modernas encontra-se na intersecção entre a formação do Estado-Nação – o qual possui o

usado num sentido não harmônico e sem uma conotação de igualdade, isto é, as interdependências têm tendência a envolver um elemento de conflito e podem variar ao longo de um *continuum* ‘simetria-assimetria’. Finalmente, o termo *chans* transporta consigo uma conotação do caráter *constrangedor* das ligações sociais” (DUNNING, 1992, p. 29).

⁵ Crescente igualdade nas oportunidades de poder entre as classes sociais, gêneros, e entre as gerações (DUNNING, 2014).

monopólio da violência física legitimada socialmente – e a mudanças dos costumes, em direção a uma sociedade cada vez mais autocontrolada.

No processo civilizador, o controle social modera as relações humanas, reduzindo o campo das explosões apaixonadas de excitação espontânea, e as restrições emocionais figuram desde o campo profissional até o campo pessoal. É durante as atividades de lazer que o homem satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções, desde que sejam de um tipo que não perturbe nem coloque em risco a ordem da vida social. “Os excessos das explosões fortes e apaixonadas foram amortecidos por restrições embutidas conservadas pelo controle social, que, em parte, são incrustadas de modo tão profundo que não podem ser abaladas” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 112).

Dessa maneira, nas sociedades altamente industrializadas, a interiorização do autocontrole é mais forte e resulta na armadura do autodomínio atuando em todas as esferas da vida. Assim, para os adultos dessas sociedades, a autorrestrrição e o não agir de acordo com os próprios sentimentos ou desejos internos chegam a parecer naturais, tornando-se um comportamento social automatizado e, por vezes, neurotizado.

Somente são permitidos alguns traços de expressão de emoções durante as atividades de lazer, embora nestas exista também o controle, ainda que menor, sobre a expressão emocional. Dunning (2003) afirma que, por meio da vivência do lazer, podemos experimentar um descontrole controlado das emoções, mas o controle presente nas atividades rotineiras também pode ser encontrado nas atividades de lazer, porém de um modo que permite certa expressão dessas emoções, desde que de maneira ainda aceita dentro dos limites socialmente estabelecidos, daí ser um descontrole controlado, pois supõe que tal descontrole ocorra dentro de limites aceitos.

Estes limites aceitos, contudo, variam culturalmente e historicamente. Wouters (2012) descreve que a continuidade do processo de civilização nos séculos XIX e XX passou por ondas de formalização e informalização. Até o século XIX, os comportamentos simbolizavam a hierarquia e status social, de modo que o desenvolvimento do autocontrole também era uma estratégia de diferenciação social. Além disso, a ascensão da burguesia se deu concomitante a um processo de desenvolvimento da autodisciplina, que alcançou todas as esferas da vida, acentuando as pressões do autocontrole. Tal processo fez com que se desenvolvesse um *habitus* voltado a uma consciência rigorosa, que evitasse perigos e emoções, uma vez que senti-las, significaria agir baseadas nela e não na razão. Esse *habitus* se desdobrava em relações mais autoritárias entre as pessoas, e em uma acentuada formalização dos comportamentos sociais.

Contudo, ao final do século XIX e início do século XX, os processos de integração e mistura social fizeram com que os sentimentos de superioridade e diferenciação fossem recriminados. A consequência foi que, em vez de um autocontrole rígido e diferenciador, começaram a surgir demandas por autenticidade. Este processo de informalização se relacionou à emergência de comportamentos mais “descontraídos” e de identidade pessoal⁶, de modo que as pessoas se tornassem mais flexíveis e menos previsíveis, o que por vezes era interpretado como um aumento da “permissividade” (WOUTERS, 2012). Em função desse processo, diminuíram o medo das autoridades e dos imaginários dissidentes, de modo que houve “significativa expansão de expressões explícitas de insubordinação, sexo e violência, particularmente no âmbito da imaginação do entretenimento” (WOUTERS, 2012, p. 561). Evidentemente, isso não significou o

⁶ A noção de identidade social se contrapõe a de status social, justamente por incluir outros elementos além daqueles de ordem de hierarquização e classificação social que advém da segunda (GOFFMAN, 1988).

desaparecimento do autocontrole, uma vez que isso continua sendo um pressuposto do processo de diferenciação social em que vivemos e das cadeias de interdependência. E também estes não são processos lineares, uma vez que ondas de informalização são concomitantes ou interrompidas por movimentos de formalização.

Esse processo de informalização influenciou as situações de lazer. Por isso, começaram a emergir práticas de lazer com um descontrole mais acentuado, ainda que “controlado” como: os rachas de carros ou motos, a participação nos grupos de torcedores de times de futebol, os festejos de carnaval, as práticas corporais que envolvem o risco com maior intensidade, o *binge drinking* ou beber ao extremo⁷, entre outras. Tais modalidades perfazem uma faceta desse campo de estudos do lazer que tem exigido cada vez mais atenção e investigação. A seguir discutiremos as consequências desse processo de informalização ao campo de estudos do lazer contemporâneo.

O Lazer como Campo de Investigação Contemporâneo – Diálogos Técnico-Metodológicos

Reconhecendo o lazer como importante campo de investigações da sociedade, Elias e Dunning preconizam o abandono de algumas das limitações impostas aos estudos da área, aqui representadas em duas instâncias principais: a dicotomia entre lazer e trabalho e a problemática das tensões como um elemento constituinte fundamental das atividades de lazer.

No que tange ao primeiro ponto, marcado pela gradativa renúncia da dicotomia trabalho/lazer, Elias e Dunning advertem que as abordagens sociológicas clássicas do

⁷ Definido como o consumo, em uma só ocasião, de cinco doses ou mais para homens e quatro doses ou mais para mulheres, ilustra a relação que uma parcela da sociedade estabelece com a bebida e o faz, preferencialmente, em momentos de lazer.

lazer privilegiavam, a princípio, a oposição entre trabalho e lazer, atitude que propiciava e reforçava uma compreensão parcial das funções e motivações relativas ao lazer na sociedade contemporânea. Dessa forma, defendem que faltava ainda “uma teoria central do lazer capaz de servir como quadro comum de investigação relativamente a todas as espécies de problemas específicos do lazer” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 144). Tal problemática já foi largamente tratada no âmbito dos estudos do lazer contemporâneo, mas cabe destacar a importância de Elias como um dos precursores da crítica aos dualismos acadêmicos e, em segundo lugar, compreender as decorrências dessa forma de olhar o lazer.

As atividades do lazer apresentam-se a partir da interdependência com as demais esferas da vida em sociedade, sem se revelarem, no entanto, subordinadas a elas. Nesse sentido, o processo civilizador impõe uma “interdependência funcional” entre lazer e não lazer (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 161), condição para o desenvolvimento social avançar de modo equilibrado. A manutenção da ordem social e da saúde mental e física dos indivíduos exige que se estabeleça uma interação balanceada entre a necessidade de autocontrole e a de quebra da rotina.

Os autores argumentam ainda que, nas sociedades modernas, industrializadas, o trabalho é apenas uma das esferas que exigem subordinação regular e equilibrada dos sentimentos pessoais, e “esse manto de restrições” é estendido às atividades de lazer e, aliás, não somente a elas, mas a todas as atividades da esfera social do indivíduo.

Assim, todas as formas de controle registradas nas sociedades modernas são interdependentes e, quanto maior o nível de controle social exercido, maiores serão as necessidades de extravasamento dos sentimentos reprimidos. As restrições para a expressão das emoções e a rotina presentes nas sociedades mais organizadas e

desenvolvidas produzem a necessidade da criação de espaços e segmentos sociais que – como são, por exemplo, as inúmeras possibilidades de experimentação no esporte ou no lazer – permitem que emoções reprimidas sejam expressas de modo mais livre.

Embora de modo controlado, ainda que em menor intensidade que nas demais esferas da vida, o lazer oferece a oportunidade de extravasamento das emoções, que acaba ocorrendo, por vezes, pelo grau de opressão que estas sofrem na vida rotineira, propiciando uma vazão mais intensa de emoções reprimidas.

Enquanto, nessas sociedades, as rotinas públicas ou privadas da vida exigem que as pessoas mantenham um perfeito domínio sobre os seus estados de espírito e sobre seus impulsos, afetos e emoções, as ocupações de lazer e de algumas formas reminiscentes da sua realidade exterior autorizam-na, de um modo geral, a fluir mais livremente num quadro imaginário especialmente criado por essas atividades [...]. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 115)

Elias e Dunning (1992, p. 68) destacam ainda que: “[...] a contenção de sentimentos fortes, no sentido de alguém preservar um controle regular firme e completo dos impulsos, afetos e emoções é um fator de origem de novas tensões”. E essas novas tensões, desenvolvidas como resultantes do controle social sofrido nas sociedades modernas serão de alguma maneira compensadas no tempo de lazer.

[...] as atividades de lazer destinam-se a apelar diretamente para os sentimentos das pessoas e animá-las, ainda que segundo maneiras e graus variados. Enquanto a excitação é bastante reprimida na ocupação daquilo que se encara habitualmente como as atividades sérias da vida – exceto a excitação sexual, que está mais estritamente confinada à privacidade, muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 70)

A tensão e a excitação das atividades de lazer são consideradas miméticas uma vez que possuem afinidades com as situações da vida real, sem, entretanto, carregarem

os riscos e os perigos que as envolvem. São tensões miméticas, vividas em um contexto simbólico, “agradáveis e [que] conduzem a uma excitação crescente e [a] um clímax de sentimentos de êxtase, com a ajuda dos quais a tensão pode ser resolvida com facilidade” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 73). É preciso destacar, todavia, que a noção de risco e perigo é socialmente construída também. O que é considerado perigoso e arriscado em determinado contexto social, pode não o ser em outro. Conforme destacamos, em contextos de maior formalidade, a presença de perigos e riscos é mais sentida e a ela é conferida o status de ameaça, uma vez que se lançar a esses riscos significava romper com os controles sociais vigentes (WOUTERS, 2012). Em outros contextos de informalização, por outro lado, o que era considerado perigoso, pode tornar-se um desafio, uma possibilidade de romper com a rotina e provocar excitação (MARINHO, 2008).

Para Elias e Dunning (1992), os sentimentos provocados durante as atividades de lazer são muito parecidos com aqueles vividos em situações da realidade cotidiana. São, portanto, atividades que possibilitam uma vivência permitida, autorizada, das emoções reprimidas, porém sem que se tenha de estar exposto aos riscos e ameaças possíveis da vida real. Ou seja, as atividades que ocasionam excitação têm relação direta com o contexto social e *habitus* do grupo que o pratica.

Desse modo, as atividades de lazer situadas na categoria mimética representam a vivência das emoções, ao mesmo tempo em que, guardados certos limites, acenam para possibilidades de um grau de proteção social daquele que a experimenta, porque o pertencimento social é promovido por meio delas.

No entanto, por mais que tais atividades guardem relação com o contexto social, a excitação que as atividades miméticas proporcionam normalmente é um sentimento

distinto de outras sentidas e experimentadas rotineiramente. Assim, para aquele que busca a vivência do lazer, fica implícita a busca da quebra da rotina por meio de atividades prazerosas que proporcionem a boa excitação. Nesse sentido, Elias e Dunning (1992, p. 151) apontam que as atividades de lazer:

Representam uma esfera de vida que oferece mais oportunidade às pessoas de experimentarem uma agradável estimulação das emoções, uma divertida excitação que pode ser experimentada em público, partilhada com outros e desfrutada com aprovação social e boa consciência. O despertar de emoções agradáveis nas atividades de lazer está, em muitos casos, relacionado com tipos específicos de tensão aprazível, com formas de excitação agradável que são específicas desta esfera da vida [...].

São inúmeras as formas de lazer que apresentam fortes características que permitem a vivência e a expressão de um descontrolo de emoções agradável e controlado. É a partir desse contexto viabilizado pelo lazer que se observam situações nas quais se podem constatar quadros imaginários que se destinam a autorizar o excitação. Tais situações permitem determinados comportamentos e artifícios, que forjam tensões e são resolvidos por meio de uma excitação agradável. Assim, Elias e Dunning questionam a tendência para explicar as atividades de lazer em sua função como um meio de proporcionar o “relaxamento das tensões” ou a “recuperação das fadigas do trabalho”, interpretações estas correntes nos textos de sociologia. Para os autores, estas situações se traduzem em tensões e estas devem ser “entendidas como fatos a serem investigados” e não de forma negativa, como “alguma coisa de que as pessoas se devem ‘ver livres’” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 142). Para o campo investigativo do lazer, isso significa abandonar uma visão funcionalista dessas atividades, em direção a uma compreensão do significado social das mesmas, de modo a questionar o que torna possível e desejável vivenciar tais tensões e não outras para

determinadas pessoas, bem como por que tais tensões são buscadas no lazer e não em outros contextos, dentre outras possibilidades.

Para além de criticar a visão funcionalista atribuída ao lazer em algumas discussões da sociologia e da necessidade de se ter maior compreensão das motivações sociais para a busca dessas tensões, destaca-se também o olhar ao que faz uma tensão legitimamente aceita em determinado contexto social e em outro não. Como destaca Williams (2009), como são produzidas as regras que moldam o lazer como normal ou anormal? Isso significa um olhar mais atento e menos classificatório às tensões que se busca viver especialmente por meio de atividades que implicam risco (mais ou menos calculado).

Tal visão é retificada por Rojek (1999) ao denunciar que os estudos do lazer decolaram em condições sociais dominadas pelo produtivismo, representado pelo trabalho como interesse central da vida. Segundo o autor, esse cenário contribui para a falta de interesse acadêmico sobre modalidades de lazer que o autor denomina de “lazer desviante”, caracterizado por atos como ultrapassar limites de velocidade, usar drogas e outras situações que possam ser efetivadas por qualquer cidadão que o deseje, sem que isso signifique, necessariamente, um modo de vida desviante. Quando nomeamos lazer desviante, estamos nos referindo a atividades que não são consideradas usuais, não convencionais ou diferentes (WILLIAMS, 2009). Não se trata de polarizar lazer desviante e lazer normal como formas de comportamento antagônicas, ou de atribuir algum juízo moral ou patológico a tais práticas. Ao contrário, o olhar ao lazer desviante deve considerar os diferentes aspectos que compõem o lazer e as buscas por diferentes formas de vivenciá-lo e as motivações pela quais algumas tensões, usuais ou não, são escolhidas como forma de busca de uma excitação agradável.

Por isso, o olhar ao lazer desviante, na perspectiva que exploramos neste ensaio, remete-se ao abandonar uma visão que classifica socialmente as práticas, considerando algumas como positivas e outras como depreciativas, sem um olhar às condições sociais que a produzem e que elas interferem também. Em outras palavras, significa, em primeiro lugar, considerar o lazer desviante como um objeto de investigação válido no campo de estudos do lazer; em segundo, ao investigá-lo, buscar os significados sociais das tensões envolvidas e as motivações e sentimentos para tais práticas.

Assim como Elias e Dunning (1992) assinalam que pesquisas sobre o lazer envolvendo riscos são desenvolvidas por uma perspectiva que compreende tal evento unicamente em seus aspectos negativos, Rojek (1999) também declara que um dos desafios que os estudos do lazer enfrentam é a incorporação do lazer desviante como uma categoria central de teoria e pesquisa, em contraposição ao excesso de estudos sobre um lazer “normal”, tratado nas pesquisas como um campo universal.

Nessa perspectiva, faz-se necessária a compreensão do risco e por que ele emerge como uma nova constelação das práticas de lazer na contemporaneidade. Uma explicação pode ser encontrada em Le Breton (2007), segundo a qual o autor esclarece que o risco emerge como uma prática corriqueira no lazer a partir, sobretudo, dos anos de 1980. Segundo Le Breton, tal fato ocorre em virtude da crise econômica, política e social em que vivemos, na qual os indivíduos perdem os referenciais, sentidos e valores. É concedida cada vez mais autonomia ao sujeito, a partir da ideia de que ele deve ser um “empreendedor de si mesmo”, contudo permeado paradoxalmente por cada vez mais incertezas, o que caracteriza o sentimento de vazio contemporâneo

Na ausência de limites de significação que a sociedade não oferece mais, o indivíduo procura ao seu redor, fisicamente, os limites de fato. Experimenta nos obstáculos e na relação frontal com o mundo as oportunidades de encontrar os referenciais que são necessários para

sustentar sua identidade pessoal [...]. Quando os limites dado pelo sistema de sentido e valores perdem sua legitimidade, as explorações dos “extremos” ganham impulso: busca de performance, de proezas, de velocidade, de imediatismo, de frontalidade, aumento do risco, uso exagerado de recursos (LE BRETON, 2007, p. 88).

Mais que uma crítica à sociedade na qual vivemos, Le Breton tenta apontar a situação em que nos encontramos e a importância que o risco e o lazer considerado desviante apresentam como forma de resistência ou transgressão a essa perda de sentido. Nessa sociedade na qual até o afeto é considerado um investimento em capital humano é que se encontra o diagnóstico de Le Breton sobre a perda de sentidos e valores e a provisoriedade de todas as relações. Buscar o extremo, nessa perspectiva, é uma forma de resistência à ausência de limites, de laços e de sentidos. Segundo Le Breton (2012, p. 42), o lazer de risco seria entendido não como uma patologia social, mas como uma lógica:

Em sua maioria, as condutas de risco ou as escarificações afetam os adolescentes “ordinários”, que não sofrem de nenhuma patologia, no sentido psiquiátrico do termo, mas de perturbações reais ou imaginárias de sua existência. Tais condutas são um recurso antropológico para contrapor-se a este sofrimento e se preservar, uma vez que as circunstâncias não deixam escolhas sobre os meios para livrar-se dele. Mas as condutas de risco ou ataques ao corpo constituem, principalmente, um movimento de resistência contra uma violência silenciosa que se situa acima de uma configuração familiar e social. Eles conjuram uma catástrofe dos sentidos e absorvem os efeitos destrutivos, tentando retomar as rédeas da situação (LE BRETON, 2012, p. 42).

De maneira não generalizada, a perspectiva de Le Breton é semelhante ao nosso argumento, ao tentar compreender as motivações e os significados sociais da busca por situações vivenciadas no lazer. Entretanto, nossa ênfase se desdobra aqui especificamente nas tensões do lazer em sua relação com o contexto social, de modo a não estabelecer um juízo de valor sobre as mesmas ou sobre o último. Deste modo, em

vez de centrarmos a crítica na ausência de sentido da contemporaneidade, enfocamos nas consequências do processo de informalização, que direciona à busca da autenticidade e de emoções até então consideradas extremas.

Além disso, há também de considerar que este processo de informalização é tensionado pelas ondas de formalização, de modo que forma uma configuração em que as práticas advindas do primeiro movimento podem ser consideradas como “permissivas” ou “desviantes” pelo outro. Esse diagnóstico pode gerar duas consequências distintas. Em primeiro lugar, uma parte dessas práticas, pode ser absorvida pelo processo de formalização, tornando-se uma espécie de tentativa de diferenciador social. Segundo Spink (2012), os anúncios publicitários que enfatizavam atividades de risco-aventura constroem uma ideia de superar limite e se arriscar que é socialmente aceita, fruto de estilos de vida diferenciadores socialmente. Estes estilos de vida relacionados a essas aventuras evidenciam uma dimensão de consumo, uma vez que são possíveis para uma parcela da população que tem acesso a determinados bens e espaços sociais. Por exemplo, a “fuga” a terrenos não desbravados, vista como uma busca por emoções e sentimentos de “liberdade”, só se faz possível para aqueles que possuem um veículo 4x4. Nesse sentido, a absorção do ideal de risco e de suas tensões, neste contexto, é seletiva e envolve uma dimensão de consumo, podendo ter um efeito disciplinador sobre as práticas de lazer (SPINK, 2012).

Outra forma de incorporar atividades de lazer ao processo de formalização pode ser encontrada nas práticas emergentes de degustação de cervejas “artesanais”, chamadas de “beber sensível” (sensible drinking). Ao contrário do “binge drinking”, tal prática seria demonstração de autocontrole, de bom gosto e de sociabilidade (THURNELL-READ, 2016). Nesse sentido, esta prática seria uma forma de

envolvimento com o álcool que foi legitimada socialmente e seria conferidora de status, uma vez que, diferentemente da outra, não envolveria excessos. Ao passo que tal prática é legitimada e legitimadora de determinada forma de consumo de álcool, ela serve também como deslegitimadora do “binge drinking”, como fica explícito nas falas de seus participantes, que enfatizavam as dimensões de autocontrole da prática, que não os deixava “bêbados” e que não causavam problemas na cidade, como os outros (THURNELL-READ, 2016, p. 9). Nesse sentido, a emergência do “sensible drinking” adquire um papel de disciplinador dos hábitos de lazer relacionados à bebida alcoólica, aspecto este que se relaciona à segunda consequência do balanço entre formalização e informalização nas tensões do lazer: enquanto algumas delas vão sendo absorvidas, outras são marginalizadas.

A marginalização social de algumas formas de vivenciar o lazer, por sua vez, geram estigma das pessoas que se engajam na mesma. O estigma opera a partir da criação de determinados padrões sociais por um segmento da sociedade e o enquadramento das pessoas entre normais, quando adequadas a ele, e desviantes, quando não (GOFFMAN, 1993). A forma pela qual o estigma classifica as pessoas é por meio de considerar a pessoa como “destruída” ou “estragada” por conta de uma característica social desviante. Nesse sentido, pessoas que se engajam nas atividades de lazer consideradas como desviantes são estigmatizadas, retiradas da razão e do direito de expressão de seus sentimentos e opiniões, considerados então, não legítimos. A estigmatização opera desumanizando os sujeitos envolvidos nas práticas consideradas desviantes, como se toda a sua vida fosse desvio. Nesse sentido, o lazer desviante é estigmatizado e seus praticantes são considerados irracionais e, portanto, desumanizados. Por isso, incluir o lazer desviante como parte do campo investigativo

do lazer tem um impulso político também de abandonar uma perspectiva patologizante das práticas.

Em determinados contextos, o estigma pode operar de forma diferente. Isso porque o envolvimento em práticas de lazer desviante pode não ser só fruto de um pêndulo entre movimentos de informalização e de formalização, ou seja, de uma integração social conflituosa. Ao contrário, tais práticas podem advir de um contexto de marginalização e de exclusão social, como nos estudos de Elias sobre os *outsiders*. Buscando compreender o motivo pelo qual tais jovens se engajavam em comportamentos violentos, que lhes apresentavam riscos, Elias argumentou que eles o faziam uma vez que sua marginalização social, que impedia o contato com o mundo dos estabelecidos, reforçava um sentimento de inferioridade. Tal sentimento de não pertencimento fazia com que a vida desses indivíduos não tivesse nenhuma excitação, nenhum projeto ou perspectiva. Para essas pessoas, o engajamento em comportamentos de risco era toda a excitação de sua existência, a única possibilidade de apresentarem poder. A excitação do quadro mimético das atividades de lazer conseguia perpassar o simbólico e atingir o real, dada a condição da realidade dessas pessoas (ELIAS; DUNNING, 1992).

Por esse prisma, compreendemos que as tensões não devem ser vistas como um elemento puramente negativo, mas com um viés explicativo. Acerca da busca por tensões nas vivências de lazer e sobre a concepção negativa que se tem sobre elas, Elias e Dunning (1992, p. 143) questionam:

Em vez de condenar as tensões como algo que prejudica, não se deveria antes de explorar as necessidades que as pessoas revelam por uma dose de tensão, enfim, como um ingrediente normal nas suas vidas? Não se deveria antes tentar distinguir com maior clareza entre tensões que são sentidas como agradáveis e tensões que são sentidas como desagradáveis? É bastante fácil ver que um denominador comum de todos os factos de lazer é o de estimular o aparecimento de

tensão agradável. Então, o que significa dizer que a função do lazer é proporcionar relaxação das tensões? Esta é uma das questões que exigem demonstração.

Para Elias e Dunning (1992, p. 116), “[...] a excitação é, por assim dizer, o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos”. Importante contribuição da obra de Elias e Dunning está no questionamento sobre a incessante busca por tensões: “Se as tensões devem ser avaliadas, pura e simplesmente, como perturbações das quais as próprias pessoas procuram se ver livres, por que é que no seu tempo de lazer elas voltam sempre a procurar por uma intensificação das emoções?” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 142). Então, conforme defendem os sociólogos, a função do lazer não é relaxar as tensões, quer produzidas pelo trabalho ou por outra esfera da vida em sociedade, a função principal do lazer é estimular vivências agradáveis e, para tanto, ressurge a provocação apresentada por Rojek, que entende ser esse o grande desafio dos estudos do lazer.

A busca por excitação, prazer, sensações, alteração dos estados de percepção e vivência de riscos acompanha o homem em sua história, e tais situações foram, ao longo dos tempos – sem dicotimizá-las –, procuradas na vivência do lazer de diferentes modos, devendo estas serem analisadas nas esferas psicológica, fisiológica e sociológica.

A conjunção entre interferências culturais, aspectos fisiológicos e psicológicos, aliada à subjetividade e à individualidade, deve ser considerada para se compreender os mecanismos de busca do prazer. Para além da dimensão individual, marcada pelo aspecto fisiológico, o prazer comporta uma carga histórica e cultural que influencia fortemente as escolhas de ocupação desse tempo.

Muito embora a busca pelo prazer seja característica inerente às situações de lazer, outros fatores interferem diretamente nesse processo, pois, conforme anteriormente assinalado, não há como fragmentar o ser humano nas distintas áreas da vida, uma vez que questões de ordem social, familiar, profissional, política, religiosa, pessoal, entre outras, compõem o mesmo ser.

Considerações Finais

Como considerações finais deste ensaio, merecem destaque as principais contribuições da obra de Elias e Dunning para as investigações no campo do lazer, aqui reveladas em uma questão central, o papel e o estudo das tensões para a compreensão do lazer contemporâneo.

Para tanto, em primeiro lugar, é necessário intensificar-se o distanciamento da tradicional dicotomia entre trabalho e lazer, transferindo o lazer da figura de apêndice do trabalho e conferindo-lhe importância enquanto manifestação da vida em sociedade. Esse distanciamento é fundamental para o afastamento de uma visão funcionalista do lazer, segundo a qual tais atividades serviriam para aliviar as tensões do trabalho. Rumar a outro sentido significa ratificar a sedimentação do lazer como campo investigatório autônomo e não mais obrigatoriamente vinculado e secundarizado pelas discussões do trabalho.

Enfatizar as tensões para a compreensão do lazer contemporâneo é também abandonar a dominante tendência de se compreendê-las como unicamente negativas. Conjugadas à falta de atenção delegada a esse campo de investigação, essa é uma importante provocação dos autores pesquisados para as necessidades prementes de

enfrentamento de novos nichos de atenção que o lazer provoca, de novas e desafiadoras demandas de estudos.

Alguns apontamentos teórico-metodológicos são importantes para o estudo das tensões como elemento para a compreensão do lazer contemporâneo. Em primeiro lugar, ele poderá se fortalecer a partir da intensificação de intercâmbios entre áreas do conhecimento e por meio da efetivação do diálogo interdisciplinar, uma vez que estudos da estrutura social e das emoções não podem avançar em compartimentos separados ou estanques.

Em segundo lugar, é necessário expandir os horizontes das investigações do lazer para além de suas áreas convencionais e considerar que a complexidade dos problemas sociais não permite que sejam explorados nos limites fronteiriços de uma única especialidade do conhecimento. As demandas sociais da atualidade expressadas na vivência do lazer requerem maior entendimento acerca das constantes buscas pela experimentação das tensões e riscos, sem, no entanto, cair-se nas armadilhas produzidas pelo olhar dicotômico ou entregar-se ao moralismo preconceituoso e estigmatizante.

Do ponto de vista teórico-metodológico, uma consequência importante deste debate é deixar de compreender as práticas de lazer de forma a classificá-las como “normais” ou “anormais”, de modo a aprofundar a estigma diante daquelas práticas consideradas desviantes. Depois de inúmeras investigações que abordaram o lazer “normal” como um campo universal, faz-se importante aceitar os desafios de investigar o risco e as tensões sem tomar tais eventos de forma negativa.

Esse passo é fundamental porque o estigma depositado sobre o desviante serve para desumanizar as pessoas envolvidas com estas práticas, afirmando que não são tensões legitimamente “racionais” ou “civilizadas”. Esse movimento serve ao processo

de legitimação da exclusão social dessas pessoas. É necessário compreender que as classificações de desvio e normalidade são moldadas politicamente e historicamente e, por conseguinte, em vez de adotá-las acriticamente, investigá-las. Desvio também não é sempre negativo, há esferas positivas que podem ser realçadas se se ultrapassar a barreira da marginalização social. A continuidade da classificação como desviante talvez sirva às disputas sociais em torno da marginalização ou integração desses sujeitos. Cabe aos pesquisadores demonstrarem os interesses que estão por trás desses discursos e analisar profundamente tais tensões, de forma interdisciplinar e não classificatória.

REFERÊNCIAS

DUNNING, E. Prefácio. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización**. Barcelona: Paidotribo, 2003.

_____. Figurational/process-sociological notes on Loïc Wacquant's *Body and Soul*. **Qualitative Sociology**, London: Springer, v. 28, n. 2, Summer, 2005.

_____. **Sociologia do esporte e os processos civilizadores**. São Paulo: Annablume, 2014.

_____; MENNELL, Stephen. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 1.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: la identidad deteriorada**. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993, 172p.

_____. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1988.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. O risco deliberado: sobre o sofrimento de adolescentes. **Revista de Ciências Sociais: Política & Trabalho**, João Pessoa: UFPB, n. 37, p. 33-44, out. 2012.

MARINHO, Alcyane. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Escola Educ. Física, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008.

ROJEK, Chris. Deviant leisure: the dark side of free time activities. In: JACKSON, Edgar L.; BURTON, Thomas L. (Org.). **Leisure studies: prospects for the twenty-first century**. State College, Pensilvania: Venture Publishing, 1999. p. 81-95.

RIBEIRO, Luci Silva. **Processo e figuração**: um estudo sobre a sociologia de Norbert Elias. 273p. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SPINK, Mary-Jane. Aventura, liberdade, desafios, emoção: os tons do apelo ao consumo do risco-aventura. **Política & Trabalho**, n. 37, p. 45-65, out. 2012.

THURNELL-READ, Thomas. ‘Did you ever hear of police being called to a beer festival?’ Discourses of merriment, moderation and ‘civilized’ drinking amongst real ale enthusiasts. **The Sociological Review**, p. 1-18, 2016.

WILLIAMS, D. J. Deviant leisure: Rethinking “the good, the bad, and the ugly”. **Leisure sciences**, v. 31, n. 2, p. 207-213, 2009.

WOUTERS, Cas. Como continuaram os processos civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza. **Soc. estado**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 546-570, Dec. 2012.

Endereço da Autora:

Liana Abrao Romera
Universidade Federal do Espírito Santo
Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras
Vitória - ES - CEP 29075-910
Endereço Eletrônico: liromera@uol.com.br

Mariana Z. Martins
Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras
Vitória - ES - CEP 29075-910
Endereço Eletrônico: fale.com.mari@gmail.com